

História e atualidade das Ciências Humanas e Sociais

History and presentness of Human and Social Sciences

Historia y actualidad de las Ciencias Humanas y Sociales

ANTONIO CHIZZOTTI¹

RESUMO

Este artigo faz um retrospecto histórico das ideias e dos autores que construíram os fundamentos científicos das ciências humanas e trouxeram contribuições inovadoras, revelando a relevância e a atualidade dessas ciências para compreender as dimensões científicas e sociais da vida humana. O texto elege, em cada período, novos produtos e concepções que abalaram a pertinência de teorias dominantes e, graças às ciências humanas, foram revelados novos horizontes para a construção da existência humana. Se, em alguns redutos institucionais, a obsessão da utilidade e a exacerbação da competição dão pouca relevância às ciências humanas, urge reafirmar quanto elas foram e são, hoje, indispensáveis para a construção da diversidade da vida. E, em tempo de um mundo globalizado, são convocadas a abrir caminhos para compreender e atuar na realização universal da vida.

Palavras-chave: Ciências humanas. História. Atualidade.

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio de pós-doutorado realizado no *Institut National de Recherche Pédagogique*, em Paris, França. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica da São Paulo. E-mail: anchizo@uol.com.br

Abstract

This paper is a historical retrospect of ideas and of authors who built the scientific foundations of the human sciences and brought innovative contributions, revealing the relevance and presentness of these sciences to the understanding of the scientific and social dimensions of human life. This text has elected, for each period, new products and concepts that have shaken the relevance of dominant theories and, thanks to the human sciences, new horizons for the construction of human existence are revealed. If, in some institutional strongholds, the obsession of the utility and the exacerbation of competition give little relevance to the human sciences, it is of urgency to reaffirm how much they were and are indispensable in today's world for the construction of the diversity of life. And, in a globalized world period, they are called upon to open ways to understand and act on the universal realization of life.

Keywords: *Human Sciences. History. Present time.*

Resumen

El presente artículo hace un retrospecto histórico de las ideas y autores que construyeron los fundamentos científicos de las ciencias humanas, y trajeron contribuciones innovadoras, exaltando la relevancia y actualidad de esas ciencias para comprender las dimensiones científicas y sociales de la vida humana. El texto elige, en cada período, nuevos productos y concepciones que avalaron la pertinencia de teorías predominantes y que gracias a las ciencias humanas, fueron revelados nuevos horizontes para la construcción de la existencia humana. Si, en algunas instituciones, la obsesión de la utilidad y la exageración en la competición, dan poca relevancia a las ciencias humanas, es urgente reafirmar lo que éstas fueron y son, hoy en día, indispensables para la construcción de la diversidad de la vida. Y, en un mundo globalizado, son convocadas a abrir nuevos caminos para comprender y actuar en la realización universal de la vida.

Palabras clave: *Ciencias humanas. Historia. Actualidad.*

Recebido em: setembro de 2015

Aprovado para publicação em: novembro de 2015

O retrospecto das ciências humanas é, sobretudo, uma meditação histórica de tempos nos quais, em grande parte, muitos leitores se reconhecerão como frutos consequentes dos fatos ou autores conscientes dos acontecimentos; outros, mais jovens, poderão encontrar suportes para seus esforços de construir, em tempos de incertezas, as garantias de uma frutuosa vida solidária. Todos, frente à perplexidade, às dúvidas e aos amedrontamentos, que invadem a vida pessoal, nos embates teóricos e sociais, podem reconhecer que a virtude esclarecedora da reflexão sempre foi capaz de converter as dúvidas em esforços para compreender surpreendentes dimensões da vida.

São muitas as interrogações que se fazem, hoje, às ciências humanas e ao conhecimento. Kant procurou condensar, no século XVIII, as questões fundamentais que desafiam o conhecimento humano: *O que posso conhecer? O que devo fazer? O que me é permitido esperar? E, decisivamente, o que é o homem?* Questões sempre atuais, que, no decurso do tempo, provocaram a inteligência na redescoberta contínua das possibilidades de viver e renovaram, nesse último século, o engenho humano para reinventar a vida social e trazer homens e mulheres para o centro da reflexão.

Este texto elege, pois, alguns eventos mais emblemáticos que, em diferentes períodos, impactaram a sociedade, propiciaram contribuições científicas para a superação dos dilemas de cada época e abriram horizontes originais para a vida social. O retrospecto histórico, sem pretensão de abarcar todos os aspectos dos diferentes acontecimentos, nem traçar um quadro evolutivo completo, pretende ressaltar alguns dos esforços significativos do século XX e XXI na fundação e no desenvolvimento das ciências humanas, e revelar a importância decisiva delas na compreensão e na solução das grandes questões que provocaram profundas inquietações, e ainda, desafiam homens e mulheres a construir, continuamente, a história humana.

Autores e obras sobre a história e a evolução das ciências humanas ou, especificamente, sobre as disciplinas, que deram a configuração atual às ciências humanas, reuniram os marcos mais relevantes desse percurso, alguns dos quais foram importantes para esta síntese, tais como: Smith (1997), Dortier (2009, 2010), Calhoun e Wieviorka (2013), Conselho Superior da Pesquisa e Tecnologia da França (2014), Comissão Europeia (EUROPEAN COMMISSION, 2015), Pestre e Bonneuil (2015).

Atualidade das ciências humanas e sociais

O desenvolvimento extraordinário das ciências humanas, no século passado, renovou todos os campos do conhecimento humano. Com a emergência dos estados liberais, nos séculos XVIII e XIX, as ciências humanas, como ‘artes liberais’, passaram a significar o exercício de indivíduos livres de prescrições ou injunções institucionais, autônomos para conduzir a própria vida, neutro frente às diferentes concepções de bem e livre para pensar e agir, segundo a própria razão.

As ciências humanas foram desafiadas a encontrar respostas às grandes interrogações sobre a humanidade, sua identidade, seu lugar no universo e suas relações com a matéria e a vida, no contexto das condições sociais e culturais de cada época. As crises e as mudanças, as venturas e as tragédias suscitaram o compromisso das ciências

humanas na mobilização de todas as forças da inteligência para compreender tempos felizes ou conturbados e esboçar vias de esperança e de ação.

No século XX, as ciências humanas firmam-se como uma ciência original no campo científico, discrepante do modelo canônico forjado no século XIX, revelando a heterogeneidade profunda de compreensão da vida humana e impelidas pela urgência de encontrar horizontes para a humanidade. Para isso, a par do notável incremento alcançado pelas ciências da natureza, as ciências humanas edificaram novos fundamentos para compreender novas dimensões da história humana, puseram em questão certezas que se mostravam inabaláveis, adquiriram sólida legitimidade científica e acadêmica e revelam promissoras perspectivas às possibilidades de vida na sociedade humana.

Arautos de um novo tempo

No fim do século XIX e início do século XX, o desenvolvimento europeu criou a “Belle Époque”, período entre 1880-1914 que transformou alguns países europeus, predominantemente rurais, em modernas sociedades industrializadas. Marconi inventa a rádio transmissão e o telégrafo sem fio, abrindo nova era na comunicação; a teoria dos quanta de Max Plank e da relatividade de Einstein revolucionam a física, e a invenção da aviação, do automóvel, da bicicleta e a criação do metrô promovem nova era no transporte; a luz elétrica, o gramofone, o cinema, os laboratórios, o desenvolvimento da siderurgia, da engenharia, transformaram as cidades e os campos, aceleraram a urbanização, provocando mudanças no modo de vida, no trabalho, na cultura, nos costumes, nos divertimentos e na moda. A Europa recupera seu passado histórico e as conquistas de seu patrimônio colonial e consolida a partilha colonialista do mundo.

A Exposição Universal de 1889, em Paris, exibira o progresso tecnológico do século e o poder industrial e cultural da França. A torre de Gustav Eiffel, ícone do período, símbolo emblemático da Exposição e da metalurgia na construção civil, mostra Paris como o centro produtor e exportador da cultura europeia mundial. Essas transformações geraram a ficção glamorosa do poder da ciência, com a invenção da máquina a vapor, com a introdução da eletricidade e do motor a explosão e inspiraram a atmosfera cientificista de que o gênio humano tudo pode, e a ciência é o motor propulsor do progresso, da história humana e do bem estar universal. A difusão das conquistas científicas para o conjunto da sociedade induziu a expansão dos meios de circulação e comercialização de produtos e, corolário desse progresso, acelerou a expansão de um sistema público de educação, como garantia de transmissão dos resultados conquistados pela ciência.

A revolução industrial da sociedade ocidental, iniciada no século XIX, produziu profunda transformação na vida social, na cultura, nos costumes e trouxe para a reflexão questões relativas ao modo de viver em sociedade, ao desenvolvimento do capitalismo, à democracia, à organização da vida urbana, ao lugar do indivíduo, entre outras.

A sociedade torna-se objeto de análise científica e o estabelecimento das *regras do método sociológico* (1895) de Durkheim inaugura um novo campo científico que se organiza e ingressa como disciplina acadêmica, para a qual convergem muitos intelectuais no empenho de compreender o novo modo de vida e a solidariedade entre os indivíduos,

estabelecida, doravante, não por vínculos mecânicos, mas pela posição que ocupam no grupo social, afirma Durkheim.

No século XX, a expansão das ciências da natureza e as discussões sobre a unidade da ciência trouxeram ao debate a propriedade distinta das ciências históricas e antropológicas, em relação às ciências da natureza. As ciências humanas surgiram no contexto científico - afirmando a originalidade de muitas vidas e de muitos aspectos humanos -, desvendaram campos e temas especiais da vida, investigaram a singularidade das diversas culturas e afirmaram a natureza pessoal e social da vida.

No alvorecer do século, Freud anuncia a importância do inconsciente como a dimensão oculta da personalidade e explica o enigma do sonho como a via reveladora do desejo. A *ciência dos sonhos* (1900) inaugura a psicanálise, em Viena, e os suíços Alfred Adler (1870-1937), Carl Gustav Jung (1875-1961), Ludwig Binswanger (1881-1966) incrementaram a expansão das teorias psicanalíticas; de outro lado, o comportamento humano é tratado, experimentalmente por Wilhelm Wundt (1832-1920) e Édouard Claparède (1873-1940), sistematicamente, pela reflexologia de Ivan P. Pavlov (1849-1941) e pelo behaviorismo de John Broadus Watson (1878-1958).

As ciências humanas ingressam na vida universitária: A história e a sociologia debatem as especificidades de cada campo disciplinar. A sociologia organiza-se, como disciplina acadêmica, sob a égide de Émile Durkheim (1858-1917) na França; na Alemanha, com Max Weber (1864-1920). O desenvolvimento do capitalismo é objeto relevante da economia: Werner Sombart (1863 -1941) expõe a evolução do *capitalismo moderno* (1902) e, com Joseph Schumpeter (1883-1950), cria, em 1903, a revista de ciências sociais. John A. Hobson (1858-1940) descreve *O Imperialismo* (1902), reavaliado por Rosa Luxemburgo (1879-1919) em *A acumulação do capital* (1913) e retomado por Vladimir Lenin (1870-1924) em um opúsculo sobre o *Imperialismo, estado supremo do capitalismo* (1916), tendo Rudolf Hilferding (1877-1941) descrito as bases de *O capitalismo financeiro* (1910).

As ciências humanas, envolvidas pela querela metodológica alemã, devem adotar o método “explicativo” das ciências naturais, ou tem metodologia “compreensiva” própria, segundo Wilhelm Dilthey (1888, 1995), para as “ciências do espírito”? Edmund Husserl (1859-1938) advoga a *filosofia como ciência rigorosa* (1902) e reúne as conferências em *Ideias diretrizes para a fenomenologia* (1913-1915).

Nos Estados Unidos, com a criação do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, em 1892, concentra-se o interesse no ambiente social instável e precário da vida urbana e na integração social de grupos marginalizados. William I. Thomas (1863-1947) e Florian Znaniecki (1881-1956), símbolos da escola, introduzem nova metodologia de pesquisa ao usar os relatos da vida de um grupo de migrantes poloneses na Europa e na América (1918-1920). Robert Park (1864-1944) estuda a marginalidade urbana e os meios de integração social.

Outras teorias revolucionam diferentes campos científicos: William James (1842-1910) defende o *Pragmatismo* (1907), uma concepção funcional e o valor utilitário do conhecimento; Frederick Taylor (1856-1915) cria a *Organização científica do trabalho* e Henry Fayol (1841-1869), na França, funda a *Teoria da administração industrial e geral*

(1911); Ferdinand Saussure (1857-1913) reinventa a linguística e surgem os primeiros antropólogos profissionais: Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) e o fundador da etnologia francesa Marcel Mauss (1872-1950), além dos alemães Georg Simmel (1858-1918), Ferdinand Tönnies (1855-1936) e o teuto americano Franz Boas (1858-1942), que, emigrado para os Estados Unidos, cria a antropologia cultural.

No século XX, duas grandes guerras trouxeram, de diferentes modos, a ruptura da ilusão cientificista e interrogações sobre os compromissos éticos da ciência e o uso dela em favor da construção da vida humana ou dos riscos de a ambição transformá-la em meios de destruição, morte ou dominação.

A conflagração mundial e a reinvenção das Ciências Humanas

A Primeira Guerra Mundial (1918-1922) é um episódio consternador da história humana. As novas técnicas e instrumentos de morte e destruição massiva abalaram as esperanças de construir um mundo próspero e estável, mas, finda a guerra, surgiu um movimento reativo de crítica e superação da barbárie e de reflexão sobre a existência humana, e, sobretudo, de construção positiva da vida social. Emergem as reivindicações pela igualdade dos direitos políticos entre os sexos e as classes sociais: a difusão do rádio, do cinema, do jazz promove uma efervescência cultural; o modo de vida urbano traz profunda modificação nos costumes e no modo de viver, e a educação surge como via de solução para os conflitos humanos.

Nasce um movimento de crítica à escola tradicional e às suas práticas pedagógicas cristalizadas e dão vigor às ideias do movimento da Escola Nova, tendo como referência a brutalidade da guerra, a ideia de que os indivíduos são capazes de pôr fim aos conflitos e se organizarem para alcançar a compreensão mútua, se formados em torno de alguns princípios básicos, como a liberdade, a autonomia e a criatividade, e a educação tiver o “aluno como centro”. John Dewey (1859-1952), com seu aforisma “aprender fazendo” nos Estados Unidos; Cecil Reddie (1858-1932), na Inglaterra; Georg Kerschensteiner (1854-1932), na Alemanha; Maria Montessori (1830-1952), na Itália; Ovide Decroly (1871-1932), na Bélgica, revolucionam a educação.

Viena, que se tornara um centro de inovação e a capital intelectual da Europa, emerge com a nova concepção científica do Círculo de Viena, inspirado no *Tractatus logico-philosophicus* (1921) de Ludwig Wittgenstein (1889-1951). A escola de Praga, por sua vez, cria, com os russos emigrados, Roman Jakobson (1896-1982) e Nicolai S. Trubetzkoy (1890-1938) a *linguística estrutural*, e Vladimir Propp (1895-1970) desenvolve a *narratologia*, com sua análise dos contos populares russos, visando identificar os seus elementos narrativos mais simples e indivisíveis. Na Alemanha, a psicologia da forma – Gestalt - estabelece as quatro leis da percepção com Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967). E o astrônomo Edwin Hubble (1889-1953) comprova, em 1925, a existência de outras galáxias além da qual o sistema solar faz parte. A cosmologia renasce com um novo universo, muito além do imaginado, e inicia um desenvolvimento extraordinário.

A década de 1920 assinala, enfim, o declínio de velhos impérios: czarista, otomano, austro-húngaro e primeiras contestações aos impérios coloniais britânico e francês. Na Rússia, eclode a revolução bolchevique e, em 1922, é formalmente criada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), enquanto, no Ocidente, os Estados Unidos emergem como potência mundial, graças à abundância de capitais, à eletricidade e à produção massiva de bens agrícolas e industriais como o aço, o carvão, o petróleo e a linha de montagem de produção em escala de automóveis e outros bens. Como expressão local desse movimento científico e cultural, no mundo, a Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, traduziu, no Brasil, a transformação cultural do período.

A década de 1930 começa conturbada pela maior crise econômica do século, provocada pela derrocada da Bolsa de Valores de 24 de outubro de 1929, que lança os Estados Unidos e o mundo inteiro na maior depressão econômica do século e no desemprego em massa, urgindo reforma profunda do sistema financeiro mundial e suscitando políticas econômicas intervencionistas. As ditaduras ganham força em alguns países: na Alemanha, com Hitler; na Itália, com Mussolini; na Espanha, com Franco; em Portugal, com Salazar; na União Soviética, com Stalin; e Getúlio Vargas no Brasil.

Muitos cientistas e intelectuais comprometem-se, decisivamente, com o apoio ou a contestação aos regimes autoritários. Com a ascensão do nazismo, na Alemanha, cientistas e intelectuais judeus emigram, na década de 1930, para os Estados Unidos, como Albert Einstein, Kurt Gödel, Bertolt Brecht e muitos outros. Um grupo funda a *New School for social research* em Nova Iorque; Kurt Lewin (1890-1947) e Jacob Levy Moreno (1874-1974) propõem os *fundamentos da psicologia social*; Alfred Schütz (1899-1959) constrói uma *teoria social inspirada na fenomenologia*; Theodor W. Adorno (1906-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) e Max Horkheimer (1898-1973) formulam a *teoria crítica*. Os membros do Círculo de Viena, quase todos judeus, são, também, forçados a migrarem para os Estados Unidos, enquanto Ludwig Wittgenstein e Karl Popper se refugiam na Inglaterra, para onde fora, também, Sigmund Freud. Premidos pela coerção, tentaram compreender os limites e as forças que engendram as opressões humanas.

Nessa atmosfera conturbada, Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) editam uma nova revista: *Anais de história econômica e social*, que, apoiada nas ciências humanas, dão lugar à “nova história” das sociedades e das mentalidades com forte influência nas gerações de historiadores e na renovação dos estudos históricos. Martin Heidegger (1889-1976), no *Ser e o Tempo*, propõe uma análise existencial dos problemas fundamentais da existência humana.

A depressão econômica, que se abatera sobre o mundo, provoca uma transformação no pensamento econômico com a *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936), de John Maynard Keynes (1883-1946).

As antropólogas norte-americanas Ruth Benedict (1887-1948), em *Patterns of Culture* (1934), e Margaret Mead (1901-1978), na esteira de Boas, em *Coming of age in Samoa* (1927), criam a antropologia culturalista. Em 1938, Otto Hahn (1879-1968) inaugura a era atômica, com a descoberta da fissão nuclear.

Ruína e reconstrução dos caminhos da vida

A segunda Grande Guerra (1937-1945) mudou os horizontes da vida humana. Os campos de extermínio, o genocídio, Hiroshima, e outros eventos emblemáticos, expuseram, abertamente, a tragédia humana e provocaram a sensibilidade para a ventura e o infortúnio da vida, exigindo a posição dos intelectuais e dos pesquisadores diante dos horizontes e dos riscos da vida coletiva. Novas teorias procuraram superar os estigmas da desgraça, das atrocidades e dos extermínios e ampliar a explicação dos horizontes da realidade humana e da sociedade: a filosofia, a educação, a sociologia, a economia, a antropologia, a linguística, entre outras nascentes ciências, trouxeram aportes originais à compreensão das diferenças e das especificidades de cada ser humano e das diversidades culturais de povos, dos territórios e dos modos de viver.

Na segunda metade do século XX, a divisão do mundo, delineada na Conferência de Ialta, em 1945, dividiu o mundo e estimulou a “guerra fria”, polarizada entre Estados Unidos e União Soviética, e provocou acirrado confronto ideológico, opondo dois modelos de sociedade: a sociedade capitalista e o socialismo real, cada qual porfiando pela hegemonia política e científica. Os intelectuais engajam-se em duas grandes correntes: o marxismo, como projeto político de transformação social, e correntes existenciais, que procuram analisar e traduzir a solidão trágica da condição humana. A polaridade ideológica entre dois universos políticos, progressivamente, traduziu-se no comprometimento dos intelectuais e das ciências humanas com as questões científicas, ideológicas e políticas, arregimentou pesquisadores em torno de temas estratégicos e promoveu o prestígio e o culto aos intelectuais representativos dos dois lados. Nasce a formação de grupos de pesquisa, alguns reunidos sob patrocínio estatal, em torno de pesquisas, muitas com objetivos belicistas.

Em 1946, acontece a primeira Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), consequência da criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1945, e completada com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948. Essas organizações, recém-criadas, despertam esperanças de paz e de cooperação internacional; o Plano Marshal, com um programa para a reconstrução da Europa Ocidental; a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, declarando o direito à igualdade perante a lei, à liberdade, à educação e à liberdade de consciência suscitam esperanças de paz e de desenvolvimento duradouro. Novos Estados surgem no cenário internacional: a República Popular da China, o Estado de Israel, e a Índia põe fim ao colonialismo britânico.

Edward Evans-Pritchard (1902-1973) e Alfred R. Radcliffe-Brown (1881-1955) formulam os fundamentos da antropologia funcionalista; Talcott Parsons (1902-1979) e Robert K. Merton (1910-2003) ampliam a análise funcionalista dos sistemas sociais. O funcionalismo propõe uma ambiciosa construção social integradora dos desafios sociais a partir da sua análise estrutural e funcional dos sistemas sociais. O consenso liberal-democrático, apoiado em análises estruturo-funcionalistas da sociedade, deu ampla difusão às teorias da integração social, da regulação dos sistemas e às teorias da modernização. Os

sistemas de educação, impulsionados pelas demandas sociais e valorizados pelas diferentes correntes teóricas do funcionalismo, ganham expansão inédita no após Segunda Guerra.

Nasce a ideia da inteligência artificial, com a cibernética de Norbert Wiener (1894-1964), e Ludwig Bertalanffy (1901-1972) explicita a “teoria geral dos sistemas” (1954) e elaboram-se os primeiros ensaios de máquinas ‘inteligentes’; o estruturalismo de Claude Lévy-Strauss (1908-2009) cria novos modelos analíticos antropológicos, e Jean Piaget (1896-1980) faz do desenvolvimento da criança o terreno experimental de uma epistemologia genética científica. A psicologia da criança, a psicologia clínica e a neo-behaviorista, cada qual em seu campo, trazem novas contribuições à compreensão das condutas individuais, humanas ou animais, normais ou patológicas.

A polarização entre dois territórios científicos capitalismo e socialismo mobilizou, também, nascentes movimentos: os protagonistas do terceiro-mundo, a criação dos países não alinhados e as vagas contra os impérios coloniais. Muitos cientistas e pesquisadores notabilizaram-se pelas suas posições no fragor dos embates ideológicos do período. Fizeram, apesar de muitas exceções, denúncias das severas contradições sociais, tornaram-se arautos de teorias compreensivas da vida e tornou a pesquisa um caminho salutar para a descoberta e a invenção de outras possibilidades da vida humana.

As Ciências Humanas e os trinta anos gloriosos da Europa

A década de 1950-1960 inaugura os ‘trinta anos gloriosos’ europeus: ela renova o mito do progresso científico e da prosperidade, graças à difusão das técnicas de produção industrial e agrícola, dos transportes, das comunicações e da saúde, no após guerra ocidental. A Europa é reconstruída, o Tratado de Roma cria as bases da Comunidade Econômica Europeia e os países industrializados conhecem um crescimento econômico sem precedentes, acelerada urbanização, e profunda mudança no modo de vida, que se tornou modelar para o mundo todo. Nasce uma indústria cultural que modificou o trabalho, as instituições, a vida cotidiana e criou nova era nos divertimentos urbanos, simbolicamente, representados pela Disneylândia e, na música, o *rock and roll*, que empolga a recreação de multidões.

Em 1957, o lançamento da nave espacial russa Sputnik surpreende o mundo, como um grande feito científico: o homem no espaço, seguido do lançamento do Telstar e a criação da televisão, via satélite, junto ao feito do homem, caminhando na lua, descortinam novas possibilidades de comunicação e partilha da vida.

O funcionalismo perde vigor como teoria explicativa da sociedade norte-americana integrada em torno de valores e papéis, diante das contestações estudantis contra a guerra no Vietnã. As teorias do conflito, as análises estruturais da sociedade, as noções de contradição, os conceitos de reprodução social, de consenso e de coerção, de poder e de crítica ganham relevância nas explicações neo weberianas e marxistas do sistema social.

As tensões sociais fazem-se presentes na convocação do Concílio Vaticano II (1962), na Revolução Cultural Chinesa (1966), na guerra no Vietnã, nos movimentos de contestação estudantis de 1968, na França, alastrando-se para muitos países, nos movimentos dos negros pelos direitos humanos, nos Estados Unidos, no recrudescimento

das ditaduras latino-americanas e nos movimentos revolucionários, nos assassinatos de John Kennedy (1962), Verwoerd (1966), Guevara (1967), Robert Kennedy (1967), Luther King (1969), expondo as grandes contradições da época. No mundo acadêmico, o estruturalismo renova-se com a antropologia de Claude Lévi-Strauss, a psicanálise de Jacques Lacan (1901-1981), Michel Foucault (1926-1984), a linguística de Roland Barthes (1915-1980), e, de outro lado, o estruturalismo marxista é contestado por nova geração de intelectuais, perde seu poder de sedução. Nos Estados Unidos, o retorno ao sujeito alimenta a vaga interacionista, a etnometodologia de Harold Garfinkel (1917-2011), a dramaturgia de Erving Goffman (1922-1982), em Chicago.

Em 1963, alguns filósofos reúnem-se, em Londres, para analisar a filosofia da ciência da época: Rudolf Carnap (1891-1970), Karl Popper (1902-1994) e Willard Quine (1908-2000), expoentes do empirismo europeu, confrontam-se com os norte-americanos Thomas Kuhn (1922-1996) e Paul K. Feyerabend (1924-1994) e o húngaro Imre Lakatos (1922-1974), entre outros, trazendo novos aportes pós-positivistas: a ciência não é fixa, evolui em cada época; mais que certezas definitivas, as ciências são, sobretudo, um conjunto de erros retificados, proclama Kuhn (1962). Na França, Gaston Bachelard (1884-1962) e o russo migrado para a França, Alexandre Koyré (1892-1964), levantam novas ideias sobre o espírito científico moderno. Ao fim da década, a chegada norte-americana à lua, em 1969, foi um marco empolgante de uma nova fase da competição científica mundial.

Nos anos 1970, as superpotências Estados Unidos e União Soviética chegam a um período de coexistência pacífica e a rivalidade desloca-se para afirmação da supremacia científica. O presidente norte americano, Nixon, visita o, até então, arqui-inimigo presidente da China, Mao Tsé-Tung, enquanto as ditaduras na América latina recrudesceram, sujeitas ao projeto conquistador norte-americano. Ao final da década de 1970, o consórcio político anglo-americano com a ascensão de Margareth Thatcher, na Inglaterra, em 1979, seguida pela eleição para a presidência dos Estados Unidos, Ronald Reagan em 1980, abrem caminho para a ascensão triunfante do neoliberalismo de Newton Friedman (1902-1977), contra o keynesianismo e as propostas do Estado Providência, tornando-se as novas bases ideológicas da expansão do capitalismo anglo-americano. A corrida espacial, os satélites e os projetos teleguiados tornam-se símbolos da competição científica e tecnológica, seguidos da difusão das tecnologias da comunicação e da informação com a fundação da Microsoft (1975) e da Apple (1976).

Os Estados nacionais tornam-se refúgios e os gestores centrais da vida econômica, com políticas econômicas protecionistas e o fomento acelerado do consumo de massa. O desenvolvimento é apreciado pela dinâmica da sociedade do consumo de massa e seus novos símbolos dessa modernização: a televisão, o automóvel, o refrigerador, a máquina de lavar, o fogão a gás, entre outros.

Os anos 1980 assistem ao abandono do estruturalismo em favor do retorno ao indivíduo para explicar o fato social como resultante das motivações dos indivíduos que o criam; na física e na filosofia, vingam as teorias do indeterminismo, a teoria da complexidade e do caos; na economia e na política, o neoliberalismo consolida-se e, em 1989, com a queda do muro que dividia a cidade de Berlim, entre o ocidente capitalista e o

orientes socialistas, abre-se o caminho para a globalização do capitalismo. Em 1981, o lançamento do computador pessoal 5150 inaugura uma revolução da comunicação que se ampliou com novas tecnologias. A década, porém, é assustada com o acidente da explosão do reator nuclear de Chernobyl, na Rússia; a explosão do ônibus espacial Challenger, em 1986; e com o massacre na praça de Tiananmen, na China, em 1989. É a década em que desaparecem os intelectuais que se notabilizaram pelo engajamento nos debates públicos. O desaparecimento de notáveis como Jean-Paul Sartre (1905-1980), Jean Piaget, Jacques Lacan (1901-1981), Michel Foucault (1926-1984), Louis Althusser (1918-1990) e outros, demarca um refluxo crítico e o retorno ao indivíduo, como ator social, e impulsiona o crescimento e a vaga do interacionismo, do construtivismo, da pós-modernidade, da complexidade, das teorias sistêmicas, nos anos seguintes.

As Ciências Humanas em um mundo globalizado

A década de 1990 é marcada pela dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o fim da “guerra fria”, e pela globalização da economia, impulsionada pela criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio, (GATT- *General Agreement on Tariffs and Trade*). A década assiste uma mudança subterrânea, amparada na dinâmica do capitalismo e no acirramento da competitividade pela supremacia no mercado de bens e de serviços. A ascensão do liberalismo parecia constituir-se em novos horizontes possíveis para o mundo, como proclamava, em 1992, o *Fim da história e o último homem* de Francis Fukuyama (1992). O conhecimento, a pesquisa e a educação ingressam, também, como ingredientes da produção concorrencial. A noção de sociedade do conhecimento, cunhada por Peter Drucker, em 1969, incrementada pela OCDE e pela UNESCO, e adotada pela União Europeia na Declaração de Lisboa, em 2000, anunciava promessas e miragens de mudança na natureza do trabalho e novos meios de criação de riqueza pelo conhecimento, incentivada pela popularização e pela difusão gratuita do saber, com a criação da *Internet*, em 1990, e da *Wikipedia*, em 1991, prometendo redes do saber, novas formas de informação e comunicação e de novas relações sociais no mundo globalizado. Prosperaram, na década, as ideias encantadas de uma nova governança de gestão da vida pública, das questões sociais, educacionais e ambientais, apoiada na presunção da concertação democrática entre atores públicos, privados e associativos. Um projeto cultural prometia romper com o dogma do monopólio cultural: o multiculturalismo surgia como uma proposta política capaz de levar ao reconhecimento das culturas minoritárias nos estados-nação.

O lançamento do telescópio espacial Hubble, em abril de 1990, inaugura uma nova era na cosmologia; em junho, é feito o anúncio do sequenciamento do genoma humano. O desenvolvimento da genômica e o esboço do genoma humano trazem novos conhecimentos sobre os alicerces da vida.

A década de 1990, proclamada a década do cérebro, criou as bases para o florescimento das ciências cognitivas e um vigoroso desenvolvimento da neurociência, e

propiciou a criação dos grandes projetos europeu e norte-americano sobre a fisiologia e a originalidade do conhecimento.

No final do século, a globalização do capitalismo desfez a bipolaridade e introduziu uma nova dinâmica no mundo científico: trouxe novas formas de divisão do trabalho, novas técnicas de produção e pesquisa, a especialização do conhecimento, a expansão da pesquisa industrial e acadêmica, a difusão digital aberta e instantânea das produções científicas, a profissionalização de educadores e pesquisadores; de outro lado, exacerbou a competitividade científica internacional e expôs as contradições do trabalho, da ciência, da riqueza e da miséria de muitas vidas. As ciências humanas foram desafiadas a encontrar explicações fundamentadas, teorias compreensivas e revelar os caminhos viáveis de uma vida decente.

No limiar do século XXI, as esperanças de um promissor milênio e um novo patamar universal de paz, de justiça e de igualdade foram abaladas pelas guerras regionais, o recrudescimento dos extremismos, os riscos pandêmicos, os limites do planeta. As ciências humanas são desafiadas a responder às questões levantadas pelo destino do planeta, pela reprodução da vida, pelos direitos humanos, pelas desigualdades sociais, pelas múltiplas identidades pessoais ou territoriais, pelos novos meios de informação e comunicação, pelos movimentos e pelas redes digitais e muitos outros temas emergentes que trouxeram nova convulsão às ciências humanas.

A primeira década do século XXI é abalada pelo recrudescimento das tensões mundiais, o atentado às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, perpetrado por extremistas, em 2001, foi a expressão visível de um novo período de conflito e inaugura um período de militarização internacional, de contestação e repressão, no mundo globalizado, em meio de uma exuberante mobilidade e concentração de riquezas, propiciadas pela competição internacional. Guerras regionais no Iraque, na Iugoslávia, no Afeganistão são significativas, de outro lado da condição humana globalizada: as mazelas do convívio universal.

A crise econômica de 2008 reconfigurou o mundo com o desajuste econômico e sua consequência social: o crescimento da desigualdade e o acúmulo da riqueza, tendendo, progressivamente, para 1% da população deter 50% da riqueza mundial. A emergência de novos polos nacionais e regionais de pesquisa, de produção e de difusão dos conhecimentos trouxeram autores e temas que revigoraram as ciências humanas.

Autores e obras expõem, hoje, um amplo campo de oportunidades e dilemas da vida humana, frente à qual, grupos e centros de pesquisa, entidades científicas e pesquisadores individuais, mobilizam-se para descobrir soluções inovadoras, difundir a produção científica, impressa ou digitalizada, a fim de que, com novos métodos e fundamentos, as pesquisas possam não só ampliar o estudo da vida social e das relações humanas, mas também refundar o conhecimento do passado e do presente, e abrir esperançosas perspectivas de viver.

A par disso, houve um grande aumento de profissionais, de instituições, de grupos e de associações que inovaram os temas, os métodos e as áreas de estudos das ciências humanas. O relatório do Conselho Internacional de Ciências Sociais (CISS) da UNESCO, de junho de 2010, revela que, apesar das enormes disparidades científicas entre países e

regiões, são notáveis a emergência de novos atores e o desenvolvimento de problemáticas relativas à conduta e à difusão das ciências humanas e sociais. Essa efervescência de ideias, de variedade de publicações, de quantidade de profissionais, especializados em áreas do conhecimento e profissionais da pesquisa, trouxeram novas dimensões à evolução dos conhecimentos humanos, provocando um avanço não somente por evolução cumulativa, mas, sobretudo, por rupturas aos padrões tradicionais e às inovações criadoras, e pela busca de novas teorias e novos métodos de pesquisa. As ciências humanas consolidaram-se como ciências, no sentido pleno, confrontando com uma tendência pan-naturalista e reducionista da ciência, vigente em alguns redutos acadêmicos, atraídos, irresistivelmente, pela segurança quantificada do conhecimento.

Os novos meios de difusão e circulação dos conhecimentos e a acessibilidade crescente à produção científica, graças à internet, às traduções múltiplas, à formação de grupos multinacionais, deslocam a hegemonia científica europeia e norte-americana, como centros únicos da produção em ciências humanas, para novos territórios.

O desenvolvimento das ciências do universo, da matéria, da vida e da terra, da bio e da nanotecnologia, da informática, da neurociência, entre outras, trouxe novos e instigantes problemas para as ciências humanas.

Essa confluência de ideias, de instituições, de profissionais fermentam os debates em torno dos postulados teóricos, dos fundamentos epistemológicos, da relevância social e ética dos estudos das ciências humanas. Tem sido recorrente a invocação dos “novos paradigmas” epistemológicos, subsumindo as referências críticas abertas pelo Congresso de Filosofia das Ciências, em Londres, em 1963, que incentivaram a superação do modelo único de pesquisa e a adoção de uma posição mais crítica diante de novos métodos e estilos de pesquisa em ciências humanas.

Na última década, a montante da globalização, o declínio de grandes ídolos, as críticas aos intelectuais como protagonistas das grandes causas, a emergência de novos centros e grupos de investigação, trouxeram uma concepção mais aberta aos temas e aos problemas emergentes, evidenciaram um pluralismo mais abrangente às pretensões de explicação da realidade, afastaram muitos sectarismos do conhecimento e ampliaram-se os métodos e os processos de investigação em ciências humanas.

Em tempos adversos de crise, muitos promotores da mudança recorrem, ainda, ao pragmatismo de William James: as ideias não são verdadeiras ou falsas; elas são ou não são úteis, apenas sustentam crenças funcionais relativas à eficácia da ação. Para eles, o imperativo obsessivo da utilidade torna-se o ingrediente necessário ao crescimento econômico e à competição internacional, e o fundamento capital para qualquer conhecimento científico. Esses autores, ingenuamente, devotam uma complacência indulgente às ciências humanas como uma investigação tolerável ou cativante, mas infrutífera, sem um produto objetivo consumível. As ciências humanas, porém, não se limitam à defesa de abstratos valores humanos ou guardiãs das tradições; são, pelo contrário, mais do que nunca, indispensáveis à construção de uma compreensão aberta e empática da diversidade da vida e à crítica prudente e criadora das múltiplas possibilidades culturais da sociedade; contestam a via única do conhecimento e a injunção opressora da utilidade e eficácia unicamente econômicas nas atividades humanas e debela a ilusão de

que são os meios que fazem a vida para repor a confiança de que são os homens e as mulheres que constroem a história e a humanidade.

Ciências humanas e a esperança renovada

Nesse século, as ciências humanas são convocadas a um diálogo profundo com as questões trazidas pelo avanço em muitas áreas do conhecimento que, reconhecendo novas e importantes questões descobertas nas ciências naturais, provocam perturbatórias inquições e são, pelos meios mediáticos, levadas ao grande público, que demandam, por sua vez, legitimações ou afirmações mais consistentes às ciências humanas sobre a manutenção, a reprodução, a sobrevivência e as possibilidades da vida física e social da humanidade e do planeta, e a distribuição equânime da riqueza.

As promessas e as esperanças dos conhecimentos atuais, dos seus resultados e riscos, das suas perspectivas e possibilidades, provocam as ciências humanas a restaurar a capacidade humana de dar respostas ao desafio dos tempos, à hegemonia financeira, às fraturas políticas e sociais - como as desigualdades -, à crise da democracia representativa, às reivindicações identitárias, ao terrorismo, à migração forçada e à globalização de um mercado não só de bens, de serviços, de tecnologias, mas também de pessoas, de cultura, de lazer, de amor, que se somam à regulação da procriação e da fecundidade humanas, aos novos modelos de família e de trabalho, à preservação do planeta e à distribuição da riqueza. Questões que transporão os recintos acadêmicos e estarão no cotidiano das pessoas interligadas pelas tecnologias móveis.

A União Europeia (EUROPEAN COMMISSION, 2015), no exercício de uma história projetiva, identifica três grandes tendências que vão desafiar a sociedade europeia, a pesquisa, a inovação e a educação superior, até a metade deste século: a globalização, as mudanças demográficas e as mudanças tecnológicas.

Com um mundo cada vez mais interconectado e economicamente competitivo, mudarão profundamente os modos de aprender, de descobrir e de inovar, e produzirão um impacto cada vez mais rápido e profundo na vida. As mudanças demográficas e a concentração urbana trarão mudanças no tamanho da família e nas normas sociais; e o desenvolvimento acelerado da tecnologia mudará não só a sociedade e a economia, mas também a forma de trabalhar em educação, em ciência e nos negócios.

Concordes ou não com o diagnóstico e a política de escolhas europeias frente ao futuro, as ciências humanas, no mundo cada vez mais globalizado, terão novas oportunidades de revelar as múltiplas e inovadoras possibilidades do gênio humano em reinventar a realização da vida.

Neste século, o conhecimento tem um lugar ímpar na história seja pela quantidade e pela mobilização de recursos financeiros, seja pelo aporte de formulações teóricas e de meios técnicos, seja pela ampliação de novos territórios de produção científica, até então confinados à Europa e aos Estados Unidos (FRANCE, 2014).

A pesquisa torna-se cada vez mais relevante em razão da difusão mediática, impressa e visual, de temas provocantes para as massas de usuários que, surpreendidos com questões que afetam seu cotidiano, interrogam profissionais da área das ciências

humanas sobre a pertinência de problemas suscitados por novos campos do conhecimento, a validade de novos paradigmas epistemológicos ou a consistência dos novos suportes ao conhecimento humano.

Se, no século passado, as ciências humanas romperam com certezas estabelecidas para reconduzir as esperanças de homens e de mulheres e conquistaram sólida legitimidade científica no mundo intelectual, no século presente, as transformações objetivas da ciência e da sociedade continuam a convocar todas as forças da inteligência para não só pôr em causa muitas certezas, que se mostram inabaláveis, mas, sobretudo, mostrar novos caminhos de construção da vida humana.

Referências

CALHOUN, Craig; WIEVIORKA, Michel. Manifeste pour les sciences sociales. **Socio** [online], n. 1, p. 3-35, mar. 2013.

DILTHEY, Wilhelm. **L'édification du monde historique dans les sciences de l'esprit** (1910). Paris: Cerf, 1988.

DILTHEY, Wilhelm. **Critique de la raison historique**. Introduction aux sciences de l'esprit. (1883). Paris: Cerf, 1995. Oeuvres, t. 1.

DORTIER, Jean François (Dir.). **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DORTIER, Jean François (Dir.). **Uma história das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EUROPEAN COMMISSION. **The Knowledge Future**: Intelligent policy choices for Europe 2050. Brussel: European Commission, 2015. Disponível em: <http://ec.europa.eu/research/pdf/publications/knowledge_future_2050.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

FRANÇA. Rapport du Conseil Supérieur de Recherche et de la Technologie. **Nouvelles Frontières de la connaissance face à la crise**. Paris: 2014. Disponível em: <http://cache.media.enseignementsup-recherche.gouv.fr/file/Rapport_2014/28/6/2014_04_10_RAPPORT_NFC_319286.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

KUHN, Thomas S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: The University of Chicago, 1962.

PESTRE, Dominique; BONNEUIL Christophe. **Histoire des sciences et des savoirs**. v. 3. Le siècle des technosciences. Paris: Seuil, 2015.

SMITH, Roger. **The Norton history of the human sciences**. New York: W.W. Norton, 1997.